

**GRUPO
DIVULGAÇÃO**
UFJF-FUNALFA

**O
santo
milagroso**

*** JUNHO ***
FORUM DA CULTURA
** 21 HORAS **
QUARTA A DOMINGO

Centro de Estudos Teatrais
Grupo Divulgação
apresenta

O
Santo
Milagroso

de Lauro César Muniz

FORUM DA CULTURA
Temporada 1989

O MILAGRE DO RISO

Maria Lúcia Rocha Ribeiro

O caminho do riso está atado às manifestações expressivas mais profundas do ser humano. Ele é uma encruzilhada onde não penetra a preocupação, mas onde a consciência pode, também, recobrar o fôlego, para exercer sua difícil tarefa de escolher caminhos. Tolo é quem desconsidera a verdade escondida por detrás das palavras do Bobo com sua figura deformada e sua lucidez travestida de Inconseqüência. O cômico é um recurso profilático indispensável para combater a sobrecarga de sentido, de consciência, de emoção. No seu espaço descontraído o homem pode rir de suas deformações, de sua irracionalidade, de seus erros e limitações. Despreocupando-se momentaneamente somos capazes de encarar situações e fatos que, de outra forma, poderiam levar-nos ao desespero e à catástrofe absoluta. Por isto, na ponta do riso está a lágrima, na ponta do choro, a gargalhada e no reverso da comédia, mora a tragédia.

A vocação brasileira para a comédia - constatação irrefutável - é, portanto, uma tomada de partido pela lucidez. E é um caminho direto que se estende desde as primeiras manifestações dramáticas indígenas e conquista o auto jesuítico, bafejando-o com o ridículo com que se passou a configurar o demônio. Exorcismo moralista, mas também refúgio contra o discurso colonizador que obriga o estrangeiro a percorrer a trilha indicada pelo índio. E no meio da selva, nos vilarejos e nos conventos, a religião que se faria irremediavelmente sincrética e antropofágica, continua a sondar os mistérios profundos da alma, sob a tutela do espetáculo pirotécnico e colorido e debaixo do tom brincalhão da comichade. Na ponta da comédia, a lição de "civilização" que até hoje condenamos, na ponta da tragédia a demissão dos deuses ancestrais. No bojo da consciência a barricada amada, a única defesa possível, presente na irreverência, na iconoclastia que o cômico instala.

Com Martins Pena, o brasileiro encontra sua primeira manifestação dramática verdadeira, dizem todos os manuais de teatro. E o que é a obra de Martins Pena? Um enorme espelho deformante onde se refletem todas as incoerências da sociedade tupiniquim, sem distinção de segmentos. Aristocracia, profissões liberais, igreja, maçonaria, criados, mulatas, brancos e negros, brasileiros e estrangeiros, todos são submetidos ao amargo remédio do ridículo. E dele emergem os traços de um diagnóstico, talvez mais rico para o estudioso do que qualquer lição de sociologia. José de Alencar também comparece, ainda que sem a assiduidade com que produz sua obra romanesca, com um painel irônico de um Brasil ainda atrelado aos ensinamentos do colonizador.

Mas é com Arthur de Azevedo que o riso brasileiro explode vigoroso, indicando a vocação crítica de um humor consciente que não poupa nem a si mesmo. Com ele se unem a linguagem da cena irreverente e a vocação para a música, outra vertente que parece essencial à identidade do homem brasileiro. E de dentro da oposição campo/cidade, a tensão dos valores em descompasso, a perda das raízes e das certezas, a

sociedade se retrata numa nova fase, querendo assumir seu próprio destino contra tudo e contra todos. Com ele o teatro de revista levanta uma bandeira de sátira política, de crítica aos costumes, de comprometimento com os valores populares que se sustentaria por décadas e cuja nostalgia ainda nos faz sofrer. É o grande momento do teatro popular e acontece, provavelmente, porque se faz fiel ao comprometimento profundo que esta vocação para o deboche edifica.

Com França Júnior o humor político ganha forças ainda mais intensas, já que a sociedade amadurece e a galeria de espelhos precedentes permite tocar mais claramente nas feridas. Toda a década de quarenta é um manancial rico e ainda inexplorado de manifestações dos mais variados quilates desta purgação pelo riso. E se existe, na dramaturgia brasileira, uma figura como a de Nelson Rodrigues, considerado seu renovador, o foco é o mesmo, a maneira desvalrada com que a visão trágica do mundo assume o deboche de valores e instituições, deixando sempre uma dúvida que o assunto não seria cômico, se não fosse tão trágico...

Oswald de Andrade é outro mestre supremo do humor antropofágico e iconoclasta com que se abala as estruturas mais sólidas e se lança chamuscas (ou perfumes) sobre a gangrena social de um país colonizado por todos os flancos. Com ele o carnaval volta aos palcos depois do recesso das revistas. E o faz pelas mãos de outro palhaço convicto - José Celso Martinez Correia, que rasga os dolorosos porões da ditadura com uma gargalhada indecente de tão sonora e lúcida. E o faz fiel a seu mestre modernista, iluminado pela certeza de que *O rei da vela* consiste num livro de cabeceira que deveria ser lido todas as noites, enquanto durar o calvário da hipoteca de nossas palmeiras, nesta via-crucis da dívida externa.

A própria trajetória cortada do Teatro de Arena é cheia de rasgos de humor e a revisão proposta para a leitura ideológica da história brasileira, se faz na esteira da desmistificação, na busca de uma linguagem "moleca" e debochada para contar o Brasil. No cinema tivemos a chanchada, na praça o carnaval e no palco desta malfada república de Sarney em ameaça de colorir-se em falsa consciência, nos sobra, mais uma vez, a barricada do riso.

*"A comédia é uma
forma de fotografar
o presente e
revelar o futuro"*

DE GUARÁ A TANGARÁ

José Márcio de Souza

Diariamente, milhares de pessoas por todo o Brasil ligam seus aparelhos de televisão às oito e meia da noite, e se deparam com o nome deste paulista de Guará. Lauro César Muniz nasceu em Janeiro de 1938, e desde a adolescência já se revelava como dramaturgo.

Em princípio ele somente imaginava e representava as tramas que naturalmente surgiam na sua cabeça, mas aos quatorze anos de idade pôs a sua primeira peça no papel. A peça contava a história de um caçador que tinha uma amante e toda vez que saía para caçar ele se encontrava com a amante, um dia sua mulher descobriu...

Assim começou a trajetória deste dramaturgo, que se caracteriza por ser um sutil crítico da sociedade brasileira. Lauro preserva ainda hoje em suas novelas aquilo que aprendeu no teatro, as tramas de suas peças a princípio são muito simples mas as formas de se resolvê-las são sempre as mais complicadas.

Até 1961 ele trabalhou somente com teatro amador e neste mesmo ano fez sua estréia na televisão escrevendo "A Bruxa". Desde então seus trabalhos para a TV vêm acumulando sucessos. Sua estréia como autor profissional de teatro só aconteceu em 1963, com o "Santo Milagroso" que como não poderia deixar de ser, tem como enredo o simples fato da disputa entre um padre católico e um pastor protestante pelo controle espiritual de uma cidade. Até aí tudo parece simples, mas o desenrolar da trama é que é a especialidade de Lauro César Muniz.

Este autor de tantas sutilezas e nuances tem também como característica marcante, o dom de criar em pequenas cidades do interior um universo que se transportado em escala maior, corresponde a um retrato da sociedade atual. Este é o caso da Tangará, de Sassá Mutema, e também o de todas as localidades que as peças dele se situam.

Além de suas peças como amador, que lhe serviram de experiência prática, o autor passou a dominar a carpintaria teatral através de um curso na Escola de Arte Dramática, de São Paulo, onde se formou em 1962. Desde a sua primeira peça, "Corações em Jogo" (1956), Lauro já escreveu inúmeras peças teatrais, várias novelas para a televisão e roteiros para o cinema a peça "O Santo Milagroso", com a direção de Carlos Coimbra e a produção de Oswaldo Massaini. Este não foi o único trabalho no cinema deste atleta das letras, que roteirizou também outros filmes.

Em todos estes trabalhos ele usou de uma arma comum para retratar a sociedade, a farsa. Através dela ele criou intrincadas tramas e situações dramáticas que

levam o público a ter uma visão mais ampla sobre aquilo que está acontecendo.

Lauro César Muniz adaptou-se perfeitamente ao frenético ritmo imposto pela televisão, e não pára. Sua dramaturgia está em constante evolução e ele já inscreveu seu nome na história dramática brasileira como um dos grandes comediógrafos.

*"O riso é social
por sua própria
natureza"*

*"Quando a sociedade
busca o riso, como
caminho, é sinal que
os clarins da revolução
estão chegando"*

O ESPETÁCULO DO SANTO

José Luiz Ribeiro

Parece que a bufonaria está de volta. Os jornais falam, com deslumbramento, das experiências de Dario Fo, nunca se citou tanto as raízes do teatro popular e a *commédia dell' arte*. Acharmos que os tempos difíceis conduzem ao riso como forma de desabafo.

O *Santo Milagroso* é um espetáculo que mostra, mais uma vez, o povo como pano de fundo e, dentro da usual mecânica das relações da política, tudo é decidido por baixo dos panos, dentro das habituais torrinhas.

A montagem do *Grupo Divulgação* está ligada ao compromisso comunitário assumido há longos anos. É mais uma comédia no repertório e, desta vez, o elenco terá a oportunidade de experimentar o contato com tipos regionais.

Nossa opção é por Minas. A cidade pequena do interior, onde o rural e o urbano ainda não têm limites definidos, é uma área de pesquisa que chega a ser de grande fascínio para um estudo social. A geografia, porém, se universaliza ao encontrar cidades similares por todo o Brasil.

O espetáculo nasceu de longas horas de trabalho no que, antigamente, se chamava de leitura de mesa. Prendemos os atores ao texto e, depois de criar uma pressão muito forte, deixamos que as figuras criadas por **Lauro César Muniz** habitassem o espaço com movimentos orgânicos que, aos poucos, rumaram para a farsa.

Abolimos as indicações cenográficas pesadas e partimos para um despojamento visitado, apenas, por sugestões. Nada de móveis pesados na sacristia. Apenas ícones, como pista para o público e indicação para os atores, responsáveis pela criação da realidade mágica.

Optamos por uma leitura visual diferente. Apenas o figurino conserva traços de naturalismo. A montagem é leve e corre ao sabor do tom de comédia de costumes, com toques de farsa, devido ao desenvolvimento arquetipal dos personagens.

Estamos voltados para uma experiência de teatro popular sem toques épicos. O presente espetáculo optou por contar a história do santo e deixar que a comédia se encarregue de pontuar o papel social e político do teatro. Apenas aceleramos o andamento por uma questão de adaptação à percepção do nosso tempo.

O jogo é a palavra fundamental do espetáculo. Assim o jogo teatral e o esportivo afloram sempre. Um grande campeonato. Tudo é disputado: o casarão a ser

dado, a influência do milagre, os votos e o poder. Não é sem intenção que a cena se abre com a disputa, enunciada nas falas de Dito, entre o Padre José e o Pastor, numa pescaria; prossegue nos lances de xadrez e termina com incríveis jogadas de alianças demagógicas.

Juntando tudo isso esperamos que o milagre aconteça e que S. Francisco de Assis, sob uma chuva de rosas, nos faça rir e refletir para enfrentar dias melhores, sem assombrações, pelo menos no teatro, pois, na vida, já aprendemos a chorar no quadro negro em que se tornou nosso país.



ASSIM É QUE ME PARECE

Márcia Falabella

Queria, como Brecht propôs, realizar aqui um desempenho distanciado, para que pudesse falar do Divulgação com sobriedade. No entanto, quando as lembranças despertam e a vivência se impõe, é impossível calar a emoção. Não há como pensar o teatro sem paixão, sem fé. Não há como fazer teatro sem acreditar no sonho, na verdade que acontece num pequeno mundo, onde se procura refletir e compreender o mundo maior.

Uma galeria de autores e atores transpuseram os arcos do espaço e do tempo, travestidos de personalidades distintas e, com suas vidas, construíram o Divulgação. Uma história que começa em 1966 e que se confunde com a trajetória do teatro. Conhecemos Sófocles, Goethe, Lorca, Pirandello, Camus, Tchekhov, Genet, Molière, Oswald de Andrade, Nelson Rodrigues... Onde estão estes homens, senão imortalizados no sonho que criamos...

Tudo isso é resultado de um trabalho que foi crescendo e tomando forma própria ao longo desses anos, através de cursos, seminários, oficinas, laboratórios de expressão, viagens e participação em festivais. Um aprendizado onde se procura, não só formar homens de teatro, mas principalmente seres humanos com uma postura crítica diante da vida. Uma escola, cujos limites estão além dos muros do Forum da Cultura. Um trabalho de projeção nacional, comprometido sempre com nossa realidade, reunindo em nossa casa uma platéia que se faz Juiz de Fora.

Muita gente questiona como é possível perder os fins de semana, os feriados e as noites por causa do teatro. Um atleta treina tão arduamente quanto um ator amador se dedica à sua arte. Cada adereço, cada figurino, cada detalhe de iluminação e cenário leva a assinatura do grupo. E para que tanta dedicação? O atleta, pelo sabor da competição e, mais que isso, da vitória; no jogo teatral, a maior conquista é o aplauso. Ele anula qualquer perda, justifica o ato e ilustra o ego. É uma validade inerente a todo ator.

Quando integrei-me ao grupo, em 1986, estava fascinada com tudo. O "teatrinho", com seus cartazes e fotografias de peças montadas pelo Divulgação, mostrava-me que a responsabilidade de estar ali era enorme. Na "salinha", as máscaras, os maquiagem e todo o material guardado aí, que os menos informados chamam de entulho, olhavam silenciosamente para mim, com a certeza de que tinham me cativado. Os atores eram grandes, diante da minha visão deslumbrada. De repente, eu estava do outro lado, registrando o mundo por um outro prisma - o palco.

Ao lado de um elenco de primeira, fiz minha estréia em "A Casa de Bernarda Alba", onde descobri o que era um caco. Em "Manuel Bandeira", o encontro com a poesia que, ainda hoje, o coração pede bis. Não fui convidada para a "Noite dos Duendes", mas entrei na festa de penetra e assisti tudo de camarote. Nos bastidores, a Copa do Mundo e o sabor da derrota. "Grito Mudo" me apresentou Brecht e a dramaturgia de José Luiz Ribeiro. "Tio Patinhas" mostrou-me que é possível fazer uma personagem de maneiras diferentes. "Bem do seu tamanho" é o meu primeiro contato com as crianças. "Aurora da Minha Vida", um espetáculo magnífico e a decepção de não encontrar em mim uma professora de francês. "Sonho Pirata", a certeza do sonho. "Canga" trouxe novas descobertas e a experiência inusitada de apresentar a peça num palco armado no circo, durante o Festival Nacional de São José do Rio Preto. Fazer a sonoplastia em "O Mercador de Veneza", possibilitou-me o crescimento, através de uma visão crítica do espetáculo. "Passa, passa Assombração", um presente, um desafio e uma conquista. Um caminho que, além de personagens, deu-me grandes amigos e determinou os rumos da minha vida.

No entanto, as realizações do Divulgação não se resumem, de forma alguma, na minha vivência, mas sim na força criadora do José Luiz que, durante todos esses anos, esteve à frente do grupo, tendo a seu lado o incentivo, o amor e o companheirismo da Malu. Guerreiro incansável, fez desse sacerdotado sua vida. Mas como nem tudo é perfeito, nosso Olimpo particular não é um paraíso. Terceiras Guerras Mundiais já se armaram sob nosso teto ou contra ele. O fantasma real da censura nos anos da ditadura militar, brigas, discussões, separações, perseguições, angústias, buscas... Aliados a um ideal, vamos vencendo todas as barreiras.

O Divulgação é um recorte delicado do mundo dialético em que vivemos. Um momento que eterniza o efêmero. Um movimento que marca seu tempo, canta sua gente e planta suas raízes. Ponte. Ponto de passagem. Ponto de partida. Porta de chegada. A vida em ciclos, em signos, em si.

*"O trabalho do DIVULGAÇÃO
é um longo caminho
dentro do mapa
cultural de Minas Gerais"*

O PÚBLICO E O DIVULGAÇÃO

O Grupo Divulgação é excelente e vem melhorando a cada dia que passa. É um grupo com grande futuro pela frente.

(Flávio França, estudante, Granbery)

Admiro muito o trabalho deste grupo; a força de vontade de todos. Nem sempre têm muito apoio, mas lutam e vão em frente.

(Maria Rabeca, do Iar, São Bernardo)

Atuação muito interessante, crítica. As pessoas sempre têm interesse em ver outras peças. Fazem rir, chorar ou analisar com muita arte presente e estimulante.

(Maristela Oliveira, assist. administrativa, Passos)

É um grupo que procura trazer com esmero e objetividade as melhores obras de todos os gêneros e estilos.

(Eduardo Antonio de Paula, estudante, São Mateus)

Muito bom. Sempre se renovando para dar ao público o que é melhor.

(Claudionel Trindade, copeiro, Bela Aurora)

Adoro o Grupo Divulgação. Suas apresentações comportam um nível profissional de categoria elevada. Parabéns e sucesso sempre.

(Maria dos Santos, bancária, Balru)

O nome já diz: divulgação. É um grupo que, com o seu trabalho, vem se destacando a cada momento; não só no palco mas, também, na mente das pessoas.

(Francisco de Paula, vigilante, Dom Bosco)

Acho o grupo muito unido e muito simpático. Possuem talento e passam ao público muita segurança no que fazem.

(Simone Achtschin, estudante, São Mateus)

Diante das dificuldades de se fazer teatro no Brasil, o grupo procura desenvolver o seu trabalho com inteligência. Proporciona ao público grandes espetáculos. Continuem a luta.

(Eliana Vieira, enfermeira, Centro)

O bom trabalho do grupo se assemelha ao que um esteio de quina de cerca realiza: luta contra forças antagônicas, e apesar de tudo, se mantém incólume.

(João Batista da Silva, desenhista, Vale dos Bandeirantes)

Atinge todas as faixas etárias e não é um teatro elitista. Gosto das críticas que as peças fazem à nossa sociedade.

(Adriana Ferreira, estudante, Bairro)

Um bom desempenho de seus atores, aliado à crítica social, garante a este grupo um lugar de destaque no cenário do teatro amador.

(Gloconda Caminate, estudante, São Mateus)

É um grupo cheio de gás; conseguem colocar em harmonia a amarga realidade com o doce humor levando-nos a pensar melhor sobre vários problemas que enfrentamos...

(Nívia Rabeca, aux. de escritório, Centro)

Acompanho o grupo há alguns anos, me parece sensacional nos seus vários aspectos: oportunidades para quem faz e quem assiste... Deu certo!

(Marcos Beraldo, economista, Centro)

CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS

Grupo Divulgação

apresenta

O SANTO MILAGROSO

de Lauro César Muniz

Dito	Flávio Mattos
Padre José	José Luiz
Pastor Camilo	José Márcio de Souza
Terezinha	Aleyse Gramigna
Coronel Chiquinho	Cursi Jr.
Vendedora	Marise Mendes
Jornalista	Arlete Heringer
Juca	Angelo Moraes
Mulher de Juca	Cristina Coury
Bispo	Augusto França
Fiéis	Célia Larcher
	Elisa Carneiro
	Maria de Fátima Amorim
	Patrícia Fiocchi Biagi
Figurino	Malu Rocha Ribeiro
Iluminação	Márcia Falabella
Sonoplastia	Sirlene Magalhães
Cartaz, Trilha, Cenário e Direção	José Luiz Ribeiro

Grupo Divulgação trabalhos apresentados

espetáculos antológicos:

amor em verso e canção
o homem do século XX
antologia da mulher

apresentação didática:

morte e vida severina, de joão cabral de mello neto
coral universitário
belmiro, murilo, pedro nava
camões
a menina casadoira, de ionesco
pic-nic no front, de arrabal
sganarello, de molière
lição de molière, de josé luiz ribeiro
a farsa do mestre pathelin, anônimo medieval
manuel bandeira, do brasil, de malu ribeiro

departamento de teatro infantil:

a onça de asas
circo de bonecos
estória de lenços e ventos
nem tudo está azul no país azul
guairaká
o embarque de noé
d. baratinha
a gema do ovo da ema
a colcha do gigante
girassinho
putz, a menina que buscava o sol
a noite dos duendes
bem do seu tamanho
sonho pirata
passa, passa assombração

walmir ayala
oscar von pfhul
ilo krugli
gabriela rabelo
josé luiz ribeiro
maria clara machado
josé luiz ribeiro
sylvia orthoff
zuleika mello
josé luiz ribeiro
maria helenah kühner
josé luiz ribeiro
ana maria machado
liliana neves
josé luiz ribeiro

Outros espetáculos:

cancloneiro de lampião
o urso
bodas de sangue
electra
diário de um louco
pequenos burgueses
a visita da velha senhora
escola de mulheres
escurial
romanceiro da Inconfidência
maria stuart
a morta
o patinho torto
yerma
seis personagens à procura de um autor
as criadas
arlequim servidor de dois amos
calfugla
guerra mais ou menos santa
pedreira das almas
só o faraó tem alma
o beijo no asfalto
mas que papel, seu bacharel!
o estado de sítio
boca do inferno
a mandrágora
o rei da vela
como se fazia um deputado
dr. getúlio, sua vida e sua glória
o jardim das cerejeiras
esta noite se improvisa
o inspetor geral
fausto
girança
a casa de bernarda alba
grito mudo
as aventuras do tio patinhas
a aurora da minha vida
canga
o mercador de veneza
o santo milagroso

nertan macêdo
anton tchekhov
federico garcía lorca
sófocles
nicolai gogol
máximo górkí
friedrich dürrenmatt
molière
michel de ghelderode
cecília meireles
friedrich von schiller
oswald de andrade
coelho netto
federico garcía lorca
luigi pirandello
jean genet
carlo goldoni
albert camus
mario brasini
jorge andrade
silveira sampaio
nelson rodrigues
josé luiz ribeiro
albert camus
marcus vinícius
maquiavel
oswald de andrade
frança júnior
dias gomes e ferreira gullar
anton tchekhov
luigi pirandello
nicolai gogol
johann wolfgang von goethe
josé luiz ribeiro
federico garcía lorca
josé luiz ribeiro
augusto boal
naum alves de souza
josé luiz ribeiro
william shakespeare
lauro César muniz

AGRADECIMENTOS:

Prof. Sebastião Marsicano Ribeiro
Magnífico Reitor da UFJF

Prof. Aldemir Negrão Martins
Pró-Reitor de Assuntos Comunitários

Imprensa Universitária

Prof. Ismair Zaghetto
DD. Superintendente da Funalfa

Meios de Comunicação e aos que acreditam que:

"Mede-se a cultura de um povo pelo seu teatro"

(Lorca)